

A PRAÇA DO BARULHO

Fotos: Nehil Hamilton

Andrei Soares
Da equipe do **Correio**

A ideia era divertir o público com diversas atrações na Praça da Alimentação. Tem música ao vivo, show de magia... até dança do ventre está tendo no Cine Brasília. Mas o que era para ser a mudança inovadora acabou irritando muitos entusiastas do evento, segundo os quais show de variedades é bom... mas não num festival de cinema.

Uma que detestou a mudança foi Valéria Pontes. "Achei brrreeeee...ga...", resume a funcionária pública de 30 anos, freqüentadora assídua do festival desde 1991. "Isso virou um circo. A programação nada tem a ver com cinema. Não vim aqui para ver dança do ventre — isso é ridículo. Se o cineasta Glauber Rocha está sendo homenageado, porque não fizeram uma exposição sobre ele aqui? Fiquei desmotivada com o festival. Não sei se volto mais."

Também sobraram reclamações pelo fato de segurança barrar o retorno daqueles que saíram do cinema para tomar ar ou comer, obrigando-os a pagar outra entrada. Para tentar compensar a proibição, foi feita uma pequena



A praça da alimentação montada nos fundos do Cine Brasília tem 880 m², 68 mesas e oito quiosques

alteração. Este ano, a praça da alimentação do festival foi movida da entrada sul para um espaço bastante maior nos fundos do Cine Brasília.

A praça — refúgio dos muitos que gostam de festival, mas não tanto de cinema — passou a ter 880 m² e 68 mesas capazes de abrigar 272 pessoas sentadas. Com a mudança, o número de lojas de alimentos e artigos culturais foi ampliado de cinco para

oito. Com 25 m² cada, os quiosques foram alugados por R\$ 500.

Apesar dos elogios ao novo espaço, poucos gostaram do uso dado a ele. Para Gustavo Henrique Lisboa, professor de Comunicação Social da Universidade Católica, é um retrocesso. "Como praça de shopping, até que isso aqui ficou bom", ironiza. Aos 38 anos, ele chegou a escrever uma crônica sobre o assunto como parte da cobertura que os alunos

PÚBLICO QUE VAI AO CINE BRASÍLIA TEM RESTRIÇÕES AO NOVO ESPAÇO DE LAZER



como uma tentativa de aumentar o público do festival. E poderá ser usada como modelo para uma reforma do Cine Brasília — projetado em 1960 por Oscar Niemeyer e restaurado em 1974 por Milton Ramos.

Para Dornas, a ampliação — prevista num projeto do próprio Niemeyer criando uma pequena comercial nos fundos do cinema — não desvirtua em nada o festival. "As pessoas também vêm aqui para ver e ser vistas, mas precisam comer, beber, paquerar, matar a solidão: Foi por perceber isso que os cinemas de shopping vingaram", argumenta a secretária, lembrando que a praça da alimentação sempre existiu. "Porque só vieram reclamar agora que nós fizemos melhor?"

O certo é que, longe das discussões sobre o festival e seus espaços, houve quem se divertisse na nova praça. É o caso de Adriana de Macedo Soares, que na sexta-feira dançava alegremente ao som de música eletrônica. "É uma melhora porque dá algo para fazer para quem não conseguiu entrar", comemorava a jovem de 18 anos, que cursa o último ano do segundo grau na Escola Americana.

AUMENTO

O novo estilo do festival, entretanto, não é coincidência. Longe disso. Segundo a secretária de Cultura do Distrito Federal, Maria Luiza Dornas, ele foi adotado